



02 - 09 | 2025

FREQUÊNCIA DA VAGINOSE BACTERIANA EM MULHERES EM IDADE FÉRTIL DOS 13 AOS 40 ANOS

Frenquency of Bacterial Vaginosis in Women of Reproductive Age From 13 To 40 Years

Frecuencia de la Vaginosis Bacteriana en Mujeres en Edad Fértil de 13 A 40 Años

**José Pedro João Queta¹ | Ngandu Wambayo² | Hamilton Valdemar
Sousa da Silva³ | Manuel Augusto António João⁴**

¹Licenciado; Instituto Superior Politécnico de Ndalatando (ISPNd); Angola; josequeta123Jgc@gmail.com; ORCID 0009-0005-3246-5026.

²Licenciado; Instituto Superior Politécnico de Ndalatando (ISPNd); Angola; ericnganduwmb@gmail.com; ORCID 0009-0001-4851-4356.

³Licenciado; Instituto Superior Politécnico de Ndalatando (ISPNd); Angola; hamilsousa@hotmail.com; 0009-0007-9699-5733.

⁴Mestre; Instituto Superior Politécnico de Ndalatando (ISPNd); Angola; nelaoaugusto2@gmail.com; ORCID 0009-0008-2062-4060

Autor para correspondência: nelaoaugusto2@gmail.com

Data de recepção: 01-06-2025

Data de aceitação: 15-08-2025

Data da Publicação: 02-09-2025

Como citar este artigo: Queta, J. P. J.; Wambayo, N.; da Silva, H. V. S. & João, M. A. A. (2025). *Frequência da vaginose bacteriana em mulheres em idade fértil dos 13 aos 40 anos*. ALBA – ISFIC Research and Science Journal, 1(8), pp. 329-342. <https://alba.ac.mz/index.php/alba/issue/view/11>

RESUMO

O presente estudo teve como objectivo determinar a frequência da Vaginose Bacteriana em mulheres em idade fértil atendidas no Hospital Materno Infantil do Cuanza Norte, no período de outubro de 2023 a março de 2024. A metodologia adotada foi uma pesquisa descritiva do tipo observacional transversal, com abordagem quantitativa, utilizando métodos diagnósticos, estatísticos e matemáticos para a obtenção e análise dos dados. Os resultados revelaram que, dos 482 pacientes avaliados, 196 (41%) testaram positivo para Vaginose Bacteriana, enquanto 286 (59%) apresentaram resultados negativos. Em relação à distribuição etária, as faixas de 17-20 e 29-32 anos apresentaram maior incidência, com 29 casos cada (18%). O pico de ocorrências foi registrado em janeiro de 2024, com 45 casos (22,9%), seguido de dezembro de 2023, com 38 casos

(19,3%). Quanto à origem dos pacientes, os bairros dos Imbondeiros e Sambizanga foram os mais afetados, com 21 (10,7%) e 18 casos (9,3%), respectivamente, enquanto os bairros Carreira de Tiro e Estação apresentaram os menores números, com 6 casos cada (3%). Entre os tipos de infecções vaginais, a Vaginose Bacteriana foi a mais prevalente, com 116 casos (59%), seguida pela Candidíase (45 casos; 23%) e Tricomoníase Vaginal (35 casos; 18%). Conclui-se que a Vaginose Bacteriana representa um problema significativo de saúde pública, exigindo medidas preventivas e estratégias eficazes de controlo.

Palavras-chave: DSTs, Infecções vaginais, Mulheres, Vaginose bacteriana.



ABSTRACT

The aim of this study was to determine the frequency of Bacterial Vaginosis in women of childbearing age treated at the Kwanza Norte Maternal and Child Hospital between October 2023 and March 2024. The methodology adopted was a descriptive cross-sectional observational study, with a quantitative approach, using diagnostic, statistical and mathematical methods to obtain and analyze the data. The results showed that of the 482 patients evaluated, 196 (41%) tested positive for Bacterial Vaginosis, while 286 (59%) had negative results. In terms of age distribution, the 17-20 and 29-32 age groups had the highest incidence, with 29 cases each (18%). The peak was in January 2024, with 45 cases (22.9%), followed by December 2023, with 38 cases (19.3%). As for the origin of the patients, the Imbondeiros and Sambizanga neighborhoods were the most affected, with 21 (10.7%) and 18 cases (9.3%), respectively, while the Carreira de Tiro and Estação neighborhoods had the lowest numbers, with 6 cases each (3%). Among the types of vaginal infections, Bacterial Vaginosis was the most prevalent, with 116 cases (59%), followed by Candidiasis (45 cases; 23%) and Vaginal Trichomoniasis (35 cases; 18%). It can be concluded that Bacterial Vaginosis represents a significant public health problem, requiring preventive measures and effective control strategies.

Keywords: STIs, Vaginal infections, Women, Bacterial vaginosis.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue determinar la frecuencia de vaginosis bacteriana en mujeres en edad fértil atendidas en el Hospital Materno Infantil de Kwanza Norte entre octubre de 2023 y marzo de 2024. La metodología adoptada fue un estudio observacional descriptivo transversal con un enfoque cuantitativo, utilizando métodos diagnósticos, estadísticos y matemáticos

para obtener y analizar los datos. Los resultados mostraron que de las 482 pacientes evaluadas, 196 (41%) tuvieron resultados positivos para Vaginosis Bacteriana, mientras que 286 (59%) tuvieron resultados negativos. En cuanto a la distribución por edades, los grupos de 17 a 20 años y de 29 a 32 años presentaron la mayor incidencia, con 29 casos cada uno (18%). El pico se produjo en enero de 2024, con 45 casos (22.9%), seguido de diciembre de 2023, con 38 casos (19.3%). En cuanto al origen de las pacientes, los barrios de Imbondeiros y Sambizanga fueron los más afectados, con 21 (10.7%) y 18 casos (9.3%) respectivamente, mientras que los barrios de Carreira de Tiro y Estação presentaron los números más bajos, con 6 casos cada uno (3%). Entre los tipos de infecciones vaginales, la Vaginosis Bacteriana fue la más prevalente, con 116 casos (59%), seguida de Candidiasis (45 casos; 23%) y Tricomoniasis Vaginal (35 casos; 18%). Puede concluirse que la Vaginosis Bacteriana representa un importante problema de salud pública, que requiere medidas preventivas y estrategias de control eficaces.

Palabras clave: ITS, Infecciones vaginales, Mujeres, Vaginosis bacteriana.

INTRODUÇÃO

A Vaginose Bacteriana (VB) é uma das infecções vaginais mais comuns em mulheres em idade fértil, sendo caracterizada pelo desequilíbrio da microbiota vaginal, resultando na substituição dos lactobacilos predominantes por bactérias anaeróbicas, como *Gardnerella vaginalis* e *Atopobium vaginae* (Porto, 2000). Esta alteração pode levar a complicações



como doenças inflamatórias pélvicas, infecções do trato urinário e aumentar o risco de infecções sexualmente transmissíveis (Bates, 2003). Segundo Allsworth e Peipert (2007), a VB afeta cerca de 29% das mulheres em idade reprodutiva nos Estados Unidos, com prevalências ainda mais altas em algumas regiões do mundo, especialmente em países em desenvolvimento, onde o acesso a serviços de saúde e educação sobre higiene íntima pode ser limitado. A sua alta prevalência global e as elevadas taxas de recorrência fazem com que seja um problema de saúde pública relevante, demandando abordagens diagnósticas e terapêuticas mais eficazes.

A vagina, com sua estrutura anatómica única, desempenha diversas funções essenciais no sistema reprodutivo feminino. Medindo entre 8 e 10 cm de comprimento e 2 a 3 cm de largura, sua composição de fibras musculares elásticas permite a conexão entre os órgãos sexuais externos e o útero (Bates, 2003, p. 218). Além de sua função na menstruação e no parto, a vagina atua como barreira protetora contra infecções, mantendo um ambiente microbiológico equilibrado que impede a proliferação de microrganismos patogênicos (ibidem). O

equilíbrio da flora vaginal é essencial para a manutenção da saúde íntima feminina, sendo que a presença de *Lactobacillus spp.*, produtores de ácido láctico, é um fator determinante na criação de um ambiente ácido que dificulta o crescimento de patógenos (Verstraelen & Swidsinski, 2013).

Quando ocorre a substituição dos lactobacilos por microrganismos anaeróbicos, o ambiente vaginal torna-se mais alcalino, favorecendo a proliferação de bactérias associadas à VB. Esse desequilíbrio pode ser influenciado por factores como uso de duchas vaginais, relações sexuais desprotegidas, múltiplos parceiros sexuais e uso de antibióticos (Porto, 2000). Estudos apontam que a VB está associada a um aumento significativo do risco de parto prematuro e baixo peso ao nascer, o que reforça a necessidade de estratégias eficazes para a prevenção e controlo da infecção (Hillier et al., 1995).

Dante da alta prevalência da VB e dos desafios impostos por suas elevadas taxas de recorrência, diversos estudos têm buscado compreender melhor seus factores de risco e formas mais eficazes de tratamento. Embora os antibióticos como metronidazol e clindamicina sejam



amplamente utilizados no tratamento da VB, observa-se que cerca de 50% das mulheres apresentam recidivas dentro de um ano após o tratamento inicial (Bates, 2003). Esse dado evidencia a necessidade de novas abordagens terapêuticas e estratégias de prevenção mais eficazes, incluindo o uso de probióticos para restabelecer a microbiota vaginal saudável (Reid et al., 2001).

A motivação para este estudo surgiu da observação de um número expressivo de mulheres atendidas no Hospital Materno Infantil do Cuanza Norte que apresentavam infecções vaginais, sendo a VB uma das mais frequentes. Dessa forma, buscou-se determinar a frequência dessa infecção no período de outubro de 2023 a março de 2024, visando fornecer subsídios para a melhoria das estratégias de diagnóstico e tratamento dessa condição. Além disso, pretende-se analisar a distribuição geográfica dos casos e identificar a faixa etária mais afetada pela infecção, permitindo uma compreensão mais aprofundada dos padrões epidemiológicos da VB na região.

A pesquisa concentra-se no campo da Saúde Pública e Análises Clínicas, com ênfase nos pacientes atendidos no Hospital Materno Infantil da Província

do Cuanza Norte. O estudo propõe-se a investigar os padrões epidemiológicos da VB, correlacionando factores como idade, sazonalidade e área de residência das pacientes diagnosticadas com a infecção. Os dados coletados e analisados permitirão não apenas uma visão detalhada da prevalência da VB, mas também a formulação de recomendações para melhorar as políticas de saúde pública na região.

A importância deste estudo reside na necessidade de aprimorar os métodos de diagnóstico e tratamento da VB, reduzindo suas taxas de recorrência. O avanço dos métodos moleculares para detecção de agentes infecciosos tem proporcionado melhorias significativas no diagnóstico de doenças sexualmente transmissíveis, tornando essencial a validação dessas técnicas em laboratórios clínicos, para garantir maior precisão diagnóstica e eficácia no tratamento (Bates, 2003). Estudos indicam que técnicas baseadas em PCR e sequenciamento genético têm se mostrado promissoras na identificação precoce dos agentes causadores da VB, possibilitando tratamentos mais direcionados e eficazes (Fredricks et al., 2005).

Dessa forma, este estudo tem como objectivo principal analisar a frequência



da Vaginose Bacteriana em mulheres em idade fértil atendidas no Hospital Materno Infantil do Cuanza Norte, no período de outubro de 2023 a março de 2024. Além disso, busca-se descrever os casos positivos e negativos, identificar a faixa etária mais afetada, determinar a sazonalidade dos casos e conhecer a distribuição geográfica das pacientes diagnosticadas. Com isso, pretende-se fornecer subsídios para políticas públicas mais eficazes e estratégias de prevenção que reduzam a incidência e recorrência da VB na população feminina estudada.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo teve como objectivo analisar a ocorrência de infecções do trato urinário (ITU) em gestantes no primeiro trimestre de gestação, atendidas no Hospital Materno Infantil do Cuanza Norte. Trata-se de um estudo descritivo, retrospectivo e transversal, com abordagem quantitativa, fundamentado na análise documental dos dados clínico-laboratoriais das gestantes atendidas no período de outubro 2023 a março de 2024.

A população do estudo foi composta por 908 pacientes, com idades entre 13 e 40 anos, que receberam atendimento normal

e pré-natal no Hospital Materno Infantil do Cuanza Norte durante o período em análise. A amostra foi constituída por 482 pacientes, selecionadas com base em critérios aleatórios, cujos exames laboratoriais de urina apresentaram elementos indicativos de infecção do trato urinário. A definição da amostra seguiu critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos, garantindo a representatividade dos casos estudados. Foram incluídas todas as gestantes e não gestantes no primeiro trimestre de gestação que não estavam em antibioticoterapia no momento da coleta da amostra e que compareceram às consultas normais e pré-natais, realizando os exames laboratoriais de urina. Por outro lado, foram excluídas as gestantes que não atenderam a esses critérios, incluindo aquelas sem registro de consulta pré-natal ou que estavam em uso de antibióticos no período da coleta, evitando assim possíveis interferências nos resultados laboratoriais.

A coleta e o processamento das amostras de urina foram realizados no Laboratório de Análises Clínicas do Hospital Materno Infantil do Cuanza Norte, seguindo rigorosamente protocolos padronizados para diagnóstico laboratorial de infecções do trato



urinário. O diagnóstico foi baseado em exames laboratoriais específicos, que incluíram a análise física, química e microscópica da urina. O exame físico consistiu na observação da cor, do aspecto e do odor da urina, parâmetros que podem indicar a presença de processos infecciosos ou outras alterações metabólicas. O exame químico foi realizado por meio da imersão de fitas reagentes na amostra de urina, aguardando-se 90 segundos para leitura dos parâmetros bioquímicos, permitindo a detecção de substâncias como leucócitos, nitritos, proteínas e glicose, frequentemente alteradas na presença de ITU.

Além disso, foi realizado o exame microscópico do sedimento urinário, considerado um dos métodos mais sensíveis para a detecção de infecções do trato urinário. Para isso, as amostras foram submetidas a um processo de centrifugação a 1500 rpm durante 5 minutos, com posterior descarte do sobrenadante. O sedimento urinário foi então transferido para uma lâmina e analisado ao microscópio com objectivas de 10X e 40X, permitindo a identificação de leucócitos, hemácias, cilindros, células epiteliais e microrganismos, sendo esses últimos indicativos da presença de infecção urinária.

A abordagem metodológica utilizada neste estudo combinou técnicas qualitativas e quantitativas, permitindo a coleta, análise e sistematização dos dados de forma precisa e detalhada. A análise quantitativa possibilitou a mensuração da frequência de ITU na população estudada, enquanto a abordagem qualitativa permitiu a avaliação dos aspectos clínicos e laboratoriais associados à infecção. Esse método de análise mista garantiu um panorama abrangente sobre a prevalência e os factores associados à infecção do trato urinário em gestantes e não só, contribuindo para um melhor entendimento da epidemiologia dessa condição na população atendida no hospital.

A padronização dos procedimentos laboratoriais adotados no estudo seguiu diretrizes estabelecidas para diagnóstico de infecções urinárias, garantindo a confiabilidade dos resultados obtidos. O uso de exames laboratoriais complementares, aliados a uma metodologia bem estruturada, permitiu a obtenção de dados representativos e cientificamente válidos, contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre a prevalência de ITU em gestantes no contexto hospitalar estudado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Tendo em conta os objectivos definidos para o presente estudo, procedemos aqui a análise dos resultados interpretados através dos respectivos gráficos. De realçar que as nossas variáveis são: a distribuição dos casos positivos e negativos (figura 1), as faixas etárias com maior índice de prevalência da Vaginose bacteriana (figura 2), a sazonalidade com maior incidência da epidemiologia (figura 3), os locais de proveniência do maior número dos casos positivos de VB (figura 4) e os tipos de infeções vaginais existentes, onde destaca-se a VB com um grande percentual (figura 5).

Os resultados indicam que a frequência de infeções vaginais, em que a Vaginose bacteriana, mais presente entre as pacientes no período em estudo é de aproximadamente 41% positivo e 59% negativo. Factores como práticas de higiene, número de parceiros sexuais e uso de antibióticos foram analisados.

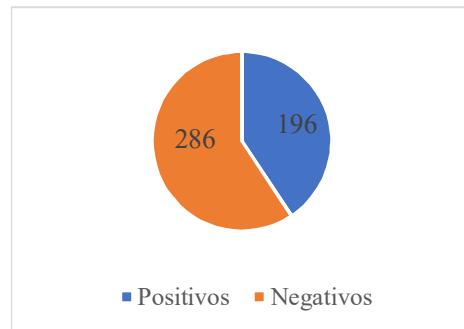


Figura 1. Distribuição segundo os casos positivos e negativos.

Fonte: Livros de Registos do Laboratório do Hospital Materno Infantil

A figura 1 apresenta a distribuição dos casos positivos e negativos da infecção analisada, evidenciando um cenário preocupante. Dos 482 casos avaliados, 286 foram negativos, correspondendo a 59% do total, enquanto 196 apresentaram resultado positivo, representando 41%. Esses números indicam uma incidência considerável da condição na população estudada, sugerindo a necessidade de uma investigação mais aprofundada sobre os factores que contribuem para essa prevalência.

Dentre os principais elementos que podem estar associados à ocorrência dos casos positivos, destacam-se hábitos de higiene íntima, o número de parceiros sexuais e outros factores comportamentais e ambientais. A influência desses aspectos na disseminação da infecção ressalta a importância de campanhas de

conscientização voltadas para a prevenção, promovendo a adoção de práticas mais seguras e saudáveis.

Além disso, conforme evidenciado pelo gráfico subsequente, algumas faixas etárias demonstram maior vulnerabilidade à infecção, o que pode estar relacionado a factores como mudanças hormonais, hábitos de higiene e comportamentos sexuais de risco. Esse padrão reforça a necessidade de estratégias específicas para diferentes grupos populacionais, com abordagens preventivas direcionadas às faixas etárias mais afetadas.

Diante desse contexto, torna-se essencial a implementação de políticas públicas e ações educativas que reforcem o diagnóstico precoce, o tratamento adequado e a disseminação de informações sobre boas práticas de prevenção. Apenas por meio de medidas integradas será possível reduzir a incidência da infecção e minimizar seus impactos na saúde pública.

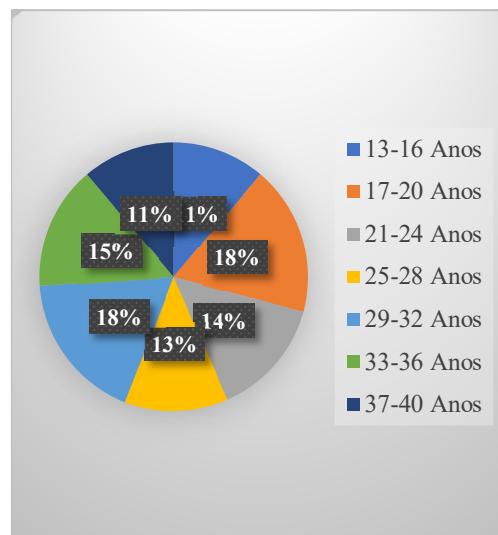


Figura 2. Distribuição segundo a faixa etária com Vaginose Bacteriana.

Já na Figura 2 revela que as faixas etárias mais afetadas pela infecção analisada são as de 17 a 20 anos e de 29 a 32 anos, ambas com uma frequência de 18% de casos positivos, totalizando 35 registros em cada grupo. Esse padrão sugere que esses grupos etários podem estar mais expostos a factores de risco, como comportamentos sexuais de maior vulnerabilidade, menor acesso a informações sobre prevenção e possíveis variações hormonais que influenciam a suscetibilidade à infecção. Logo após a faixa etária de 33 a 36 anos aparece com 15% dos casos positivos, correspondendo a 29 registros, o que também indica uma prevalência significativa nesse grupo.

Por outro lado, os grupos com menor número de casos positivos foram os de 13 a 16 anos e 37 a 40 anos, ambos



representando 11% da amostra, com 22 registros cada. Esses dados podem sugerir que, no grupo mais jovem, há menor exposição aos factores de risco devido a menor atividade sexual, enquanto na faixa etária mais avançada pode haver um declínio natural na suscetibilidade ou maior conscientização sobre medidas preventivas. Esses padrões etários reforçam a importância de estratégias de intervenção direcionadas para grupos mais vulneráveis, como campanhas educativas para jovens adultos e políticas de acesso facilitado a diagnósticos precoces e tratamentos eficazes.

Além da distribuição etária, a Figura 3 evidencia que os meses de dezembro de 2023 e janeiro de 2024 registraram o maior número de casos positivos, o que pode estar associado a factores sazonais, comportamentais ou até mesmo à maior procura por atendimento médico nesse período. A relação entre a sazonalidade e a incidência da infecção deve ser explorada para compreender se há padrões recorrentes e como isso pode influenciar medidas de prevenção e controle. O aumento expressivo de casos nesses meses reforça a necessidade de intensificação das ações de conscientização e testagem em períodos

críticos, permitindo uma resposta mais eficaz à propagação da infecção.

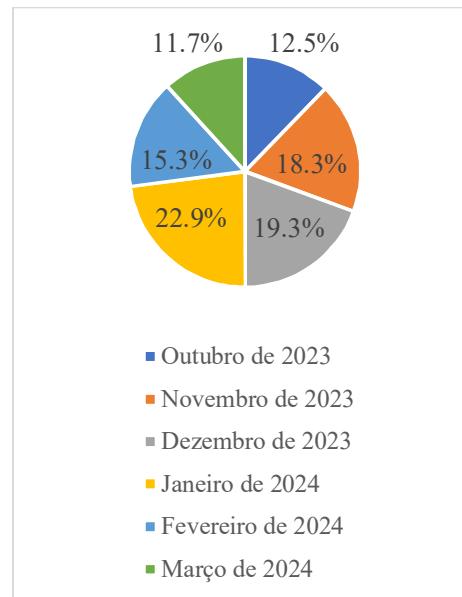


Figura 3. Distribuição segundo os meses com pacientes Vaginose Bacteriana

A análise da distribuição mensal dos casos de Vaginose Bacteriana (VB) revela que janeiro de 2024 foi o período com maior incidência, registrando 45 casos, o que representa 22,9% do total. Esse aumento pode estar associado a factores sazonais, mudanças no comportamento social durante as festividades de fim de ano e ao possível impacto das condições climáticas sobre a microbiota vaginal. O segundo mês com maior número de casos foi dezembro de 2023, com 38 ocorrências (19,3%), reforçando a hipótese de que o período festivo pode influenciar na disseminação da infecção, seja por aumento do contato interpessoal, alteração de hábitos de



higiene ou exposição a factores ambientais. Por outro lado, março de 2024 apresentou a menor taxa de infecção, contabilizando 23 casos, correspondendo a 11,7% do total. Essa variação sazonal pode indicar uma tendência natural de redução da incidência em determinados meses, embora seja necessário aprofundar a investigação sobre os factores que contribuem para essa oscilação.

Além da distribuição temporal, a análise espacial dos casos aponta que os bairros de Imbondeiros e Sambizanga, em Ndalatando, registraram as maiores incidências da infecção. Esses dados sugerem que determinadas áreas urbanas podem estar mais vulneráveis à VB devido a factores como condições sanitárias precárias, dificuldades de acesso a serviços de saúde, baixa conscientização sobre higiene íntima e práticas sexuais desprotegidas. A concentração dos casos nesses bairros reforça a necessidade de ações preventivas mais direcionadas, incluindo programas de educação em saúde, melhorias na infraestrutura sanitária e ampliação do acesso ao diagnóstico e tratamento adequado. A implementação de campanhas específicas nessas comunidades pode contribuir para a redução da incidência e para a promoção

de melhores condições de saúde reprodutiva entre as mulheres afetadas.

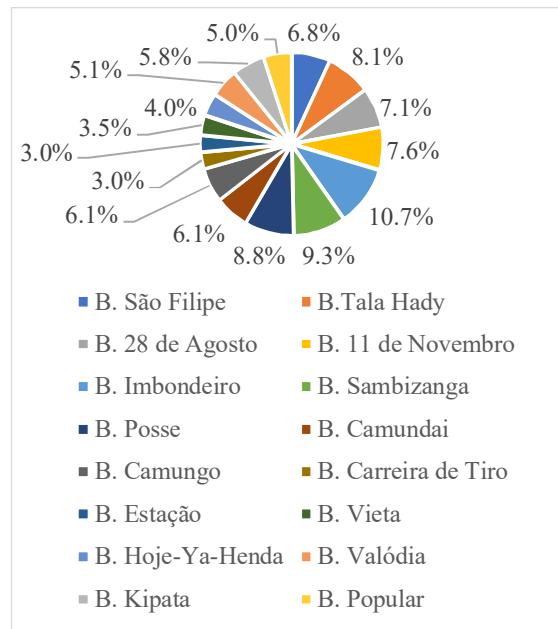


Figura 4. Distribuição segundo a Proveniência dos pacientes Vaginose Bacteriana

A análise da proveniência dos pacientes diagnosticados com Vaginose Bacteriana (VB) revela que os bairros dos Imbondeiros e Sambizanga registraram as maiores incidências da infecção, com 21 (10,7%) e 18 casos (9,3%), respectivamente. Esses dados indicam que essas áreas podem apresentar factores de risco elevados, como condições sanitárias inadequadas, dificuldades no acesso a serviços de saúde e menor nível de informação sobre higiene íntima e prevenção de infecções. A presença expressiva de casos nesses bairros sugere a necessidade de intervenções direcionadas, incluindo



campanhas educativas e melhorias na infraestrutura sanitária, para reduzir a disseminação da VB e promover uma melhor qualidade de vida para a população feminina. Por outro lado, os bairros Carreira de Tiro e Estação apresentaram os menores números de casos, com apenas seis registros cada, correspondendo a 3% do total. Esse cenário pode refletir diferenças na exposição aos factores de risco ou melhores condições de saneamento e assistência médica nessas localidades.

Além da identificação da VB nos bairros analisados, a pesquisa revelou que a infecção muitas vezes não ocorre de forma isolada, estando associada a outras infecções urinárias. Essa constatação reforça a complexidade do problema e a necessidade de uma abordagem integrada para a saúde feminina, que não apenas trate a VB, mas também considere a detecção e o tratamento de outras patologias do trato urinário e reprodutivo. A presença concomitante de múltiplas infecções sugere um déficit na assistência primária à saúde e na orientação preventiva, destacando a importância do fortalecimento das políticas públicas voltadas para a saúde reprodutiva. A Figura 5 a seguir ilustra essa relação, evidenciando a

coexistência da VB com outras infecções urinárias e reforçando a urgência de medidas eficazes para o diagnóstico precoce e o tratamento adequado dessas condições.

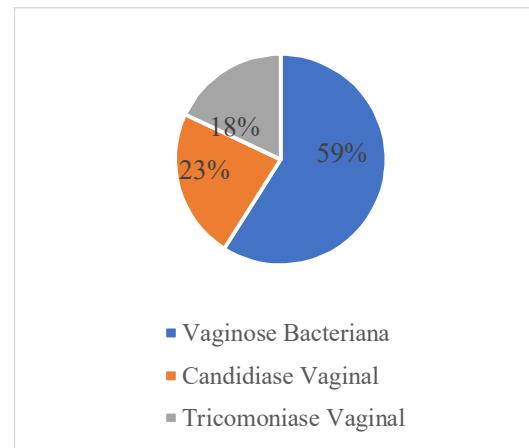


Figura 5. Distribuição segundo as infecções vaginais

O gráfico nº 5 ilustra a distribuição dos diferentes tipos de infecções vaginais identificadas no estudo, destacando a Vaginose Bacteriana (VB) como a mais prevalente, com 116 casos, correspondendo a 59% do total. Em seguida, a Candidiase representa 23% dos casos, com 45 registros, enquanto a Tricomoniasis Vaginal aparece com 35 casos, equivalentes a 18%. Esses dados evidenciam que a VB é uma das principais preocupações de saúde ginecológica para mulheres entre 13 e 40 anos que buscaram atendimento no Hospital Materno Infantil do Cuanza Norte, demonstrando sua relevância



clínica e a necessidade de estratégias eficazes para seu controle.

A alta prevalência da Vaginose Bacteriana pode estar associada a diversos factores, incluindo condições socioeconómicas, hábitos de higiene, múltiplos parceiros sexuais, acesso limitado a serviços de saúde e práticas culturais que influenciam a percepção sobre a saúde íntima. Além disso, a falta de diagnóstico precoce e a automedicação podem agravar a condição, tornando o tratamento menos eficaz e aumentando os riscos de complicações, como infecções recorrentes e problemas reprodutivos. Diante desse cenário, torna-se essencial a implementação de políticas de saúde pública que promovam o acesso a informações sobre prevenção, diagnóstico e tratamento adequado, além de garantir a ampliação da infraestrutura médica para o atendimento ginecológico e reprodutivo das mulheres afetadas por essas infecções.

CONCLUSÃO

Os dados analisados revelam que a Vaginose Bacteriana (VB) é a infecção vaginal mais prevalente entre as mulheres atendidas no Hospital Materno Infantil do Cuanza Norte, representando 59% dos casos diagnosticados. Esse

índice significativo evidencia a necessidade de maior atenção à saúde ginecológica, especialmente entre as mulheres de 13 a 40 anos, faixa etária mais afetada. A elevada incidência da VB em comparação com outras infecções, como a Candidíase (23%) e a Tricomoníase Vaginal (18%), sugere que factores ambientais, socioeconómicos e comportamentais desempenham um papel fundamental na disseminação da infecção. Além disso, a distribuição geográfica dos casos indica que alguns bairros, como Imbondeiros e Sambizanga, registram maior vulnerabilidade, possivelmente devido a condições sanitárias precárias e acesso limitado a serviços de saúde.

Diante desse cenário, torna-se essencial a implementação de medidas preventivas eficazes, incluindo campanhas educativas sobre higiene íntima, saúde sexual e acesso a métodos de prevenção. A ampliação dos serviços de diagnóstico precoce e tratamento adequado também se faz necessária para reduzir a incidência de infecções vaginais e evitar complicações associadas, como infecções recorrentes e problemas reprodutivos. Além disso, é fundamental que políticas públicas voltadas para a saúde da mulher sejam reforçadas, garantindo atendimento acessível e de



qualidade, especialmente para populações em situação de vulnerabilidade. Apenas com uma abordagem integrada, envolvendo conscientização, acesso a serviços de saúde e melhoria das condições sanitárias, será possível reduzir a prevalência da VB e melhorar a qualidade de vida das mulheres afetadas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrão H. (1889). Vaginose bacteriana e Gardnerella vaginalis. DST – J Brás Doenças Sex Transm 1989; 1(2): 67-69.
- ALLSWORTH, J. E.; PEIPERT, J. F. Prevalence of bacterial vaginosis: 2001–2004 National Health and Nutrition Examination Survey data. *Obstetrics & Gynecology*, v. 109, n. 1, p. 114-120, 2007.
- Anderson, M.R.; & Friedland, S. (2004). Are vaginal symptoms ever normal? A review of the literature. *Med Gen Med*; New York, v.6: p.49-53, 2004.
- Anukam, K C.; & Olise, N. (2014). Evaluation of bacterial vaginosis (BV) using Nugent scoring system. *J Med Biomed Res*, 13(1), 25-32, 2014
- Aroutcheva, A. et al. (2001). Defense factors of vaginal lactobacilli. *Am J Obstet Gynecol*; Saint Louis, v.185, n.2: p.375, 2001.
- Backer, E. D.; & Verhelst, R.. et al. (2007). Quantitative determination by real-time PCR of four vaginal Lactobacillus species, *Gardnerella vaginalis* and *Atopobium vaginae* indicates an inverse relationship between *L. gasseri* and *L. iners*. *BMC Microbiology*, 7:115, 2007
- Bagnall, P.;& Rizzolo D.; (2018). Bacterial vaginosis: A practical review. *Publish ahead-of-print*, 2017.
- BATES, B. *Bates' Guide to Physical Examination and History Taking*. 8. ed. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2003.
- Bates, S. (2003). Vaginal discharge. *Curr. Obstet. Gynaecol.* v.13, p.218-223, 2003.
- Bautista, C. T.;(2014). Bacterial vaginosis: a synthesis of the literature on etiology, prevalence, risk factors, and relationship with chlamydia and gonorrhea infections. *Military Medical Research*, 3(1), 4, 2016



- Boyle, D. C.; & Barton S. E.; et al. (2023). Is bacterial vaginosis associated with cervical intraepithelial neoplasia? *Int J Gynecol Cancer*, 13, 159– 163, 2003
- Brotman, R. M. et al (2014). Association between cigarette smoking and the vaginal microbiota: a pilot study. *BMC Infect. Dis.* 14:471.,
- Copetti, N. (2004). Manual de Técnicas citológicas da Faculdade de Medicina da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 31 p.
- FREDRICKS, D. N.; FIEDLER, T. L.; MARRA, C. M. (2019). Molecular identification of bacteria associated with bacterial vaginosis. *New England Journal of Medicine*, v. 353, n. 18, p. 1899-1911.
- HILLIER, S. L.; KLEBANOFF, S. J.; ESCHENBACH, D. A. (2021). Bacterial vaginosis: advances in pathogenesis, diagnosis, and treatment. *Clinical Microbiology Reviews*, v. 8, n. 4, p. 593-621.
- Polattif .F. (2012). Bacterial vaginosis, Atopobium vaginae and nifuratel. *Curr Clin Pharmacol*, 7(1), 36–40, 2012
- Porto, A.G.M. (2000). Infecções sexualmente transmissíveis na gravidez. Rio de Janeiro: Atheneu, 2000.
- Rebuças, K.; & Junior. J. L.. et al (2014). Influence of human papillomavirus infection on the vaginal microbiome of women with immunocompetency. *DST - J bras Doenças Sex Transm*, 26,(1-4), 5-9, 2014.
- REID, G.; HOWLETT, J.; MCBROOM, T. (2023). Lactobacillus and bifidobacterium therapy in women: efficacy and safety. *International Dairy Journal*, v. 11, n. 8, p. 817-822, 2001.
- VERSTRAELEN, H.; SWIDSINSKI, A. (2022). The biofilm in bacterial vaginosis: implications for epidemiology, diagnosis and treatment. *Current Opinion in Infectious Diseases*, v. 26, n. 1, p. 86-89, 2013.